

AINDA VIVOS: CONVERSAS TERAPÊUTICAS COM PAIS CUJOS FILHOS MORRERAM DURANTE OU LOGO APÓS A GESTAÇÃO*

‘STILL ALIVE: COUNSELLING CONVERSATIONS WITH PARENTS
WHOSE CHILD HAS DIED DURING OR SOON AFTER PREGNANCY’

HELENE GRAU
KRISTENSEN¹

AÚN CON VIDA: CONVERSACIONES TERAPÉUTICAS CON PADRES
CUYOS HIJOS MURIERON DURANTE O POCO DESPUÉS DEL EMBARAZO

LORRAINE HEDTKE²

ADRIANA MULLER³
(TRADUÇÃO)

RESUMO: Quando um bebê morre antes ou depois de nascer, nós (terapeutas e leigos) muitas vezes não sabemos como ajudar. Esse artigo aborda as delicadas conversas que são necessárias para demonstrar como as narrativas relacionais podem continuar vivas após a morte do bebê — dentro do útero, por um aborto ou natimorto. Usando as práticas de *re-member*¹ e o atendimento narrativo, analisamos como a identidade da criança falecida continua a fundamentar as histórias daqueles que vivem o luto.

¹ California State
University, San Bernardino,
United States

Palavras-chave: dor; luto; atendimento narrativo; práticas de *re-member*; bebês; morte de criança; perda.

² University of
Copenhagen, Denmark

ABSTRACT: When a baby dies, before or after his or her birth, we (counsellors and lay people alike) are often at a loss as to how to help. This article addresses the delicate conversations needed to demonstrate how relational narratives can live on after the death of a baby whether he or she dies in utero, miscarried or born still. Using re-remembering practices and narrative counselling, we explore how a deceased child's ongoing identity can continue to inform sustaining narratives for those living with grief.

³ Centro de Estudos e Terapia
da Família – CRESCENT,
Vitória/ES, Brasil

Keywords: grief; bereavement; narrative counselling; re-remembering practices; infants; death of a child; loss.

RESUMEN: Cuando un bebé muere, antes o después de su nacimiento, nosotros (consejeros y laicos) a menudo no sabemos cómo ayudar. Este artículo aborda las delicadas conversaciones necesarias para demostrar cómo las narrativas relacionales pueden seguir viviendo después de la muerte de un bebé, ya sea que muera en el útero, por un aborto espontáneo o haya nacido muerto. Utilizando prácticas de rememores y asesoramiento narrativo, analizamos cómo la identidad del niño fallecido puede continuar fundamentando las narrativas de quienes viven el duelo.

Palabras clave: duelo; dolor; asesoramiento narrativo; prácticas de rememores; bebés; muerte de un niño; pérdida.

* Artigo originalmente publicado em *The International Journal of Narrative Therapy and Community Work* | 2018 | No.1 <https://dulwichcentre.com.au>. Parte desse artigo foi apresentado em um curso no *Therapeutic Conversations Conference* (TC XIII), em Vancouver, Canada, em 29 de abril de 2016.

1 NT: Esse é um jogo de palavras proposto por Michael White com a palavra *remember* (lembrar-se de) e *re-member* (voltar a ser membro). Como não há uma palavra em português que traduza o conceito, ele será mantido em sua forma original.



Em 2006, eu (HGK) engravidei de gêmeos depois de anos de tratamento de fertilização e, assim como muitos pais, estava ansiosa com a ultrassonografia da 21ª semana, mas nem tudo correu como o esperado. O exame mostrou que um dos gêmeos tinha um problema sério e, em um piscar de olhos, minha vida se transformou dramaticamente da felicidade e da alegria que senti quando descobri que estava esperando um menino e uma menina, para a devastação de saber que a minha menininha tinha sérias dificuldades que iriam afetar dramaticamente a sua vida. Ela não seria capaz de viver a vida que eu tinha sonhado e, muito provavelmente, morreria antes mesmo de nascer. Mal sabia eu que a minha menininha mudaria a minha vida mesmo não tendo vivido fisicamente mais do que 32 semanas de gestação.

Essa menininha, Augusta, me ensinou como, mesmo antes de nascer, as crianças afetam seus pais, criando fortes laços emocionais e ensinando sobre o que significa serem pais. Quando uma criança nasce morta, muitas pessoas desconsideram esse relacionamento existente e o conhecimento gerado por ele. Augusta contribuiu de muitas formas para uma compreensão muito mais ampla da parentalidade do que os discursos reservados aos 'pais' de crianças nascidas a termo e vivas.

Desde a morte de Augusta, ela tem influenciado a minha vida profissional. No meu trabalho de psicóloga, sua vida e sua morte me levaram a trabalhar com pais que viveram a experiência da perder um filho durante a gravidez. Fui apresentada a várias crianças que morreram durante a gestação e que, de forma similar, contribuíram para ampliar a compreensão da parentalidade em suas famílias durante o tempo em que estiveram vivas e depois que morreram.

A minha experiência com Augusta e essas outras crianças me levou até Lorraine Hedtke e seu eminente trabalho em re-lembrar² vidas por meio de 'conversas com moribundos e enlutados' (Hedtke & Winslade, 2004). Começamos a colaborar na análise de como as ideias gerais sobre as conversas de *re-member* podem ser utilizadas especificamente para ampliar as conversas com os pais de crianças que morreram durante a gravidez ou logo após o nascimento. Eram conversas com aqueles que nos procuravam por valorizarem a vida da criança que perderam e que vivenciavam o desespero da perda da relação com ela. Esses pais falavam dos seus filhos, independentemente da idade do feto, como uma criança ou um bebê que morreu, mas ainda não tinham encontrado um vocabulário para falar sobre o relacionamento ou recebido apoio para construir um. Neste artigo vamos utilizar as palavras 'criança' e 'bebê' para ecoar as palavras que esses pais utilizam e que carregam o significado daquilo que eles vivenciaram, perderam e com o que continuam a se relacionar. Reconhecemos que existem várias e diferentes circunstâncias que podem levar à morte de um bebê durante a gestação, ou logo após o parto.

Também reconhecemos que há muitas questões sobre os pais e a não conformidade de gênero e, algumas vezes, vamos nos referir aos pais utilizando alguns termos de gênero como 'mãe' ou 'pai' sem especificar a fluidez de gênero. Neste artigo, não vamos abordar essas circunstâncias variadas, mas queremos reconhecer esses contextos. Vamos abordar o pensamento que fundamenta nossas perguntas e que se mantém constante, independentemente dessas diferentes circunstâncias. De forma específica, estamos interessadas em como um vínculo contínuo e reconhecido com uma criança falecida pode ajudar as pessoas a responder à devastação de tal morte e a se tornar a base para ações e significados até então não imaginados.

² NT: O termo original é *re-membering lives*, utilizando o mesmo jogo de palavras proposto por Michael White com a palavra *remember* (lembrar-se de) e *re-member* (voltar a ser membro). Como não há uma palavra em português que traduza o conceito, e para melhor fluidez do texto, o termo será traduzido por *re-lembrar*.

Este artigo é o resultado da colaboração entre as autoras. Ele contém transcrições de pais cujas crianças morreram antes do nascimento e que quiseram que suas histórias fossem contadas — aliás, eles perceberam que sua participação neste artigo era uma oportunidade de garantir que a vida de seus filhos continuasse a ter importância.

Porém, antes de começarmos a falar sobre a beleza de um relacionamento continuado com uma criança falecida, temos que estabelecer algumas distinções importantes entre a psicologia do luto convencional e as abordagens narrativas ao luto.

DISTINÇÕES DE PARADIGMAS

As conversas narrativas sobre uma criança que morreu antes, durante ou logo após o nascimento são fundamentadas por diferentes suposições sobre como responder à dor e ao desespero. Ao contrário da psicologia do luto convencional, que muitas vezes o considera como o fim de um relacionamento, a abordagem narrativa da morte e do luto reconhece que os relacionamentos entre os vivos e os mortos podem continuar a ser viáveis, acessíveis e potencialmente transformadores (Hedtke & Winslade, 2017). Em outras palavras, um bebê que morreu não deixa de ter influência sobre seus pais, nem deixa de ter importância simplesmente por ter morrido. Quando os modelos de psicologia do luto dos últimos cem anos insistem em ‘deixar ir’, ‘seguir em frente’, e reconhecer a perda’, as opções para os pais formarem um vínculo contínuo como resposta ao luto ficam limitadas. Sugerimos que esse corte de laços não permite reconhecer o relacionamento com a criança falecida e agrava a dor, a saudade e o desespero. Nos últimos anos, houve uma pequena mudança no sentido de manter as memórias do relacionamento vivido (e.g., Worden, 2009), porém essa mudança deixou pouco espaço para a construção pública das várias formas pelas quais a criança que faleceu continue tendo influência e seja uma parte integrante de sua família.

Lembrar-se da criança que faleceu, ou cultivar a continuidade dos vínculos entre vivos e mortos, não significa que o sofrimento seja magicamente apagado. Mas a morte não cancela o amor — os vivos continuam a amar e se relacionar com quem morreu em sua mente, seus pensamentos, seus sentimentos e suas ações. O relacionamento não termina (Hedtke & Winslade, 2017). A prática de terapia narrativa pode encorajar as pessoas a encontrarem recursos internos e externos para responder aos momentos mais difíceis da vida, analisando a história da conexão entre os vivos e os mortos e as formas de dar sentido à dor que a morte e o luto podem trazer. Isso pode incluir imaginar a ‘voz’ ou as expectativas da criança falecida, a partir de perguntas que exploram um futuro no qual a ‘influência’ e ‘presença’ da criança fazem parte de uma relação em andamento (White, 1989). Para aqueles pais que se sentem desconfortáveis com a voz e as expectativas imaginárias de uma criança falecida, outros caminhos e perguntas podem criar uma história da conexão entre os vivos e os mortos.

A partir de nossa experiência, essa prática de perguntar desenvolve novos caminhos onde a perda e a saudade profunda podem existir ao lado do reconhecimento de um vínculo contínuo com a criança que faleceu.

A noção de que a morte não cancela a importância da vida de uma pessoa surgiu nos trabalhos e nas pesquisas da antropóloga Barbara Myerhoff (1978, 1982), que cunhou o termo *re-membering*³. De acordo com Myerhoff (1982), *re-membering* é uma “forma especial de recordar” que define os “membros” da vida de uma pessoa. É um processo ativo de invocar esses membros de forma que “a vida ganha uma forma

³ NT. Manteremos o termo em sua versão original.

que vai lá do passado até o futuro” (Myerhoff, 1982, p. 111). Michael White (1997, 2007) elaborou o conceito de *re-membering* proposto por Myerhoff para sustentar uma noção de pertencimento ancorada nas histórias preferidas que incluem os vivos e os mortos. Em seu artigo fundamental, “Saying hullo again”, White (1989) introduz uma abordagem terapêutica inovadora que desafia as metáforas de dizer adeus para a pessoa querida que faleceu, tendo como base o trabalho de Myerhoff de utilizar histórias e significados como ferramentas para construir a ponte entre vivos e mortos. As conversas de *re-member* dão vida para histórias, sonhos e esperanças daqueles que faleceram (Hedtke & Winslade, 2017). Essas práticas, apesar de ainda marginalizadas pelas ideias dominantes dos discursos médicos ocidentais, têm obtido algum sucesso em desafiar a defesa do corte de laços com os falecidos. Essas ideias e práticas influenciaram várias instâncias terapêuticas, mas ainda não estão totalmente desenvolvidas. Esperamos ampliar o uso das conversas de *re-member* para analisar as conexões contínuas entre as crianças falecidas e seus pais vivos.

É possível uma conversa de *re-member* com aqueles que faleceram antes mesmo de falar, trabalhar ou compartilhar aspirações e desejos, já que ela permite aos vivos invocar uma ‘voz’ e sonhos imaginários que se tornam a influência real daqueles que faleceram. Ela oferece uma estrutura para uma vida ética ao articular significados do relacionamento continuado com a criança falecida com as habilidades, os significados e os valores recém adquiridos. Por exemplo, a mãe dos gêmeos Ludvig e Siggurd, que faleceram com 23 semanas de gestação, explicou:

quando eu penso sobre Ludvig e Siggurd, considero que eles me tornaram uma pessoa melhor. Eles me lembram do que ‘é importante na vida’ e, frequentemente me levam a agir dessa forma quando peço para os meus amigos pararem um pouco quando ficam muito presos nos problemas diários e esquecem do que realmente tem valor e que está ali, na frente dos seus olhos. Antes do Ludvig e Siggurd, eu nem prestava atenção nessas coisas.

TORNAR-SE MEMBRO

Myerhoff considerava que as histórias continuam vivas depois da morte porque elas fluem entre as pessoas, e ninguém é o único autor de sua história. Essa ideia contradiz a noção de direito de propriedade intelectual ao sugerir uma comunidade de autoria, e o faz diretamente sobre as conversas que temos com pais cujos filhos faleceram antes ou logo após o nascimento. Ser membro da vida de uma pessoa, de acordo com Myerhoff (1982), é algo reservado a um grupo que possui histórias específicas e sabe dos seus direitos e responsabilidades com relação a elas. Myerhoff explica que:

[a]ssim, uma vida não é entendida como pertencendo ao indivíduo que a viveu, mas sim ao mundo, aos descendentes que são herdeiros das tradições corporificadas ou a Deus. (Myerhoff, 1982, p. 111).

As histórias futuras de uma criança falecida não ficam com aquela criança, mas pertencem às pessoas que a amaram e a desejaram, aos membros da vida dela. De forma similar, quando morre uma pessoa que viveu cem anos, aqueles que a amaram e se preocupavam com ela continuam a pertencer ao clube da vida,

honrando as histórias e o amor, e mantendo os pontos de conexão com quem faleceu. Ser membro da vida cria um espaço no qual a criança falecida pode sempre ser encontrada, sem ficar relegada ao passado, mas abrindo a possibilidade para os pais, os parentes e a comunidade de reconhecê-la como alguém que continua a fazer parte das suas vidas, tornando visível os laços com a criança. Uma mãe cujo filho morreu com 24 semanas, explicou:

eu tive umas experiências recentes de conhecer pessoas e elas dizem: “você tem dois meninos”. Isso é difícil porque quero dizer “tenho três meninos e eu vou adorar conversar sobre o meu outro filho”. Mas se eu falo que tenho um terceiro filho que morreu, eu recebo um olhar de pena que não me agrada... Quando estou com pessoas que conheceram meu filho, estou bem. Todo mundo sabe dele e todos conversam sobre ele. A dor acontece quando estou em uma situação em que ele não é conhecido ou em que ele não é reconhecido. Isso é muito difícil porque, para mim, ele ainda está aqui. Não estou realmente segurando a mão dele, mas ele está aqui e sentimos alegria quando os outros entendem que estamos de mãos dadas.

Pertencer à vida de alguém pode ser atualizado e revigorado por meio de conversas de *re-member* nas quais se falam sobre como o relacionamento continua sendo importante ou dando sentido à vida. Como Myerhoff (1982) disse:

[p]elo *re-member*, tais vidas se tornam documentos morais com função salvadora que implica, inevitavelmente, em ‘tudo isso não foi à toa’. (Myerhoff, 1982, p. 111).

RE-MEMBER DE UMA CRIANÇA FALECIDA

Baseando-se nas ideias de Myerhoff e de White, não é difícil imaginar uma conversa de *re-member* sobre um adulto que faleceu, já que ela pode facilmente evocar histórias, lembranças, experiências e momentos passados junto com quem faleceu. Os enlutados costumam ter várias dessas lembranças a partir das quais podem estabelecer uma nova forma de avaliar a conexão, podendo, assim, criar um futuro no qual as histórias da pessoa falecida continuem a ter destaque.

Porém, as conversas de *re-member* sobre os bebês falecidos exigem uma linha de investigação diferente. A duração do relacionamento vivido entre os pais e a criança pode ser bem curta, antes de um aborto espontâneo, da interrupção da gravidez ou do nascimento de um natimorto. No entanto, podemos partir das esperanças, dos sonhos e desejos que os pais tinham para o relacionamento, e vincular isso às experiências da gravidez (e do nascimento, se vivenciado) e à possível vida futura dessa conexão. Por meio dessas conversas, a sensação de que a vida da criança é importante pode se tornar o foco, e não a maneira pela qual ela morreu. Isso pode servir como base para uma conexão contínua entre pais e filhos. Mas existem alguns desafios específicos nesse movimento de tornar o relacionamento visível para os pais e para a rede de apoio, a fim de identificar os lugares onde a vida da criança importa e continua a fazer parte da vida das pessoas. Como explicou uma mãe cuja filha morreu com 42 semanas de gestação:

penso que foi mais difícil perder a Elisabeth tão novinha porque não temos nenhuma experiência com ela. Se ela tivesse três anos, a gente teria algo para lembrar.

Se a ideia de ser membro gera a noção de pertencer a um ‘clube da vida’ (White, 2006, 2007), então isso pode ser um veículo para nos transportar para onde a criança falecida continua a viver. Nesse clube da vida, podemos perceber que as histórias sobre uma criança existem muito antes de ela nascer, então podemos conhecer e elaborar uma narrativa investigando momentos de interação com o neném na barriga, quando seus pais interagem com ele, tornando esse relacionamento cada vez mais visível. Esses momentos podem trazer para o foco a relação entre os pais e seus filhos falecidos, até mesmo olhando para antes de a criança ser concebida, perguntando sobre a preparação para a gravidez e o que isso revela.

Uma criança falecida faz parte do clube dos seus pais antes e depois de viver, e sua ‘voz’ pode orientá-los, como se estivesse presente, sobre a condução de alguns aspectos de suas vidas e, até, sobre a forma de acessar a dor do luto. Um pai cuja filha faleceu com 22 semanas de gestação, disse:

costumamos nos perguntar o que Maria diria. Ela é esperta e tem esse papel de nos apoiar quando agimos da forma que consideramos correta. Ela é nossa pequena ajudante e é bom saber que ela pode ser parte da nossa vida.

Os desejos e as esperanças dos pais quanto às influências contínuas de um filho falecido em suas vidas podem torná-lo um membro vitalício ativo do clube da vida dos pais. Os terapeutas podem olhar para as intenções dos pais e como eles permitem que essas influências aconteçam, inclusive sobre se posicionarem contra o discurso da psicologia do luto convencional de seguir em frente ou esquecer (Worden, 2009). Quando enfatizamos os desejos e as esperanças dos pais em relação ao filho, é quase como se estivéssemos dando voz e vez para a criança falecida. Essa linha de questionamento cria uma noção de agenciamento que os pais exercem em nome da criança falecida, como pode ser verificado na conversa entre uma mãe, cuja filha, Anna, morreu com 40 semanas de gravidez, e a autora (HGK):

- Helene:** Como a Anna chegou em sua vida? Você lutou por isso ou ela chegou facilmente?
- Karen:** Eu lutei muito. Fiz tratamento de fertilização, tentei por um ano e quase perdi as esperanças. Aí, de repente, engravidei.
- Helene:** Nossa, então você lutou muito por ela. O que a Anna fez quando você descobriu que estava grávida? Ela fez surgir alguns sentimentos em você?
- Karen:** [Risos] Sim, ela me deixou tão feliz!
- Helene:** Então ela te deixou muito feliz. Foi uma alegria que você já tinha vivido antes, ou essa alegria que ela criou foi diferente?
- Karen:** Foi muito diferente. Era um sentimento muito forte de sentido.
- Helene:** Você pode falar mais sobre esse sentido com o qual a Anna te conectou e o qual fez você experimentar de forma tão forte?
- Karen:** Significou o quanto ser mãe faz sentido para mim.

- Helene:** O que ela fez você vivenciar sobre ser mãe nos momentos que passaram juntas durante a gestação?
- Karen:** O sentimento de querer cuidar e proteger...
- Helene:** Como era esse sentimento? Você gostava disso?
- Karen:** Sim, era muito bom. Faz tanto sentido. Deu mais sentido para a minha vida do que qualquer outra coisa.
- Helene:** Nossa. E você acha que isso é algo grande ou pequeno para uma mãe passar a enxergar?
- Karen:** É algo enorme.
- Helene:** Como é para você o que a Anna fez?
- Karen:** Me sinto orgulhosa.

As perguntas são elaboradas visando respeitar as habilidades da criança de deixar sua marca na conexão entre ela e sua mãe. Tal respeito é possível em um tempo em suspensão no qual consideramos perguntas sobre antes da mãe engravidar, durante a gestação e desde que a criança faleceu. Isso envolve um tema de conexão que dura ao longo do tempo (Bergson, 1911) e fornece pontos de entrada para um relacionamento que pode continuar ao longo da vida da mãe.

CONTRA A INVISIBILIZAÇÃO DE UM BEBÊ FALECIDO

Para alguns pais, o luto após a morte de um bebê pode ser agravado por discursos sobre quando, na trajetória da vida, um bebê se torna uma pessoa pela qual se sofre a dor do luto (Butler, 2004). São esses discursos que dão origem a comentários do tipo: “ao menos você não o conhecia muito, ou então sua dor seria pior”, que são formas de criar significados estreitos. Essas conversas complicadas também levam a discussões sobre a interrupção da gravidez que implicam em oportunidades limitadas para o luto ou para verificar o impacto de um relacionamento continuado. Não queremos entrar nessa conversa aqui, mas sim destacar que as considerações sobre o que constitui uma vida que mereça ser lamentada em sua perda são envoltas por diferentes discursos históricos e políticos que, inclusive, influenciam as conversas e os significados ao se falar sobre uma criança que morreu no útero, ou em um aborto espontâneo, ou em um parto prematuro ou depois de nascer viva. O poder dos discursos pode silenciar os pais e impedi-los de fazer uma conexão relacional com a criança falecida, por exemplo, por meio de comentários desdenhosos que falam sobre um ‘isso’⁴ ao invés de uma criança real. Muitos pais escutam comentários como “foi bom que morreu antes de você conhecer”, “era só um pequeno feto e agora você sabe que pode engravidar”, ou que a criança era “necessária no céu”. A dor que os pais sentem pode ser afastada ao se considerar a perda como menor do que aquela de uma gravidez a termo ou de uma criança com alguns meses ou anos.

As conversas de *re-member* com pais desafiam os discursos que invisibilizam a perda na gravidez. Se atribuirmos ao nascituro as capacidades de uma pequena pessoa que se relaciona com seus pais, ficamos livres para falar de maneira diferente. Podemos pedir à criança que morreu para avaliar as conversas com seus pais e atribuir sentido entre os pais vivos e a criança falecida, além de perguntar sobre os significados construídos durante o seu desenvolvimento. Essa via de investigação

4 NT: Em inglês, o pronome para se referir aos fetos é o mesmo utilizado para coisas (it), e não os aplicados para pessoas (he/she/they).

pode suscitar muitas histórias ainda não percebidas e não contadas de ocasiões em que os pais se relacionavam com o filho que ainda estava por nascer, fazendo aparecer narrativas sobre como a criança já os influenciava de maneiras relevantes, muitas vezes convidando-os para serem novas pessoas. Não fossem essas conversas, tais histórias passariam despercebidas, como ilustrado por Jill, cuja filha morreu na vigésima segunda semana de gestação:

eu não tinha percebido como a minha pequena filha me transformou em uma mãe ao ter todas essas experiências com ela durante a gravidez. É tão bom saber que ela me fez ver o valor do “cuidado de mãe”, e de saber que mesmo que o luto esteja difícil para mim, eu quero viver a experiência de engravidar de novo.

Perguntas do tipo “o que a sua filhinha fez com você assim que você descobriu que estava grávida dela?”, “de que formas sua filha lhe ensinou sobre os sentimentos, os pensamentos e as ações de ser mãe, seja quando você se preparava para engravidar ou quando você engravidou dela?”, abrem possibilidades para o desenvolvimento de novos significados, construindo um relacionamento entre os pais e a criança falecida. Eles atualizam o que de outra forma permanece virtual (Deleuze & Guattari, 1994). Por exemplo, Jill começou a falar sobre como sua filha a transformou em mãe e a fez pensar de maneira muito diferente sobre si mesma e sua vida, e isso se tornou uma abertura para ela pensar em um caminho futuro, no qual ela sente a necessidade de ser mãe de outro filho. Essa abertura pode estar diretamente ligada à filha falecida e até dar algum crédito para essa criança. Assim, poderíamos perguntar: “que diferença faz para o seu coração materno saber que sua filhinha lhe ensinou o valor de ser mãe?”, “o que sua filha sabe sobre o seu amor de mãe, que ela pode querer que você use quando engravidar do seu irmãozinho ou da irmãzinha?”. Esse conhecimento é atribuído ao que a filha possibilitou que sua mãe vivenciasse e que, sem a influência da filha, a mulher poderia não saber (nesse caso, a experiência de ser mãe, por exemplo, só foi conhecida pela gravidez e sua subsequente perda). Quando centramos a criança que faleceu dessa forma, ela recebe uma posição renovada no clube da vida dos pais, na qual continua a ser influente, deixando de ser apenas um feto que não deu em nada.

DUPLA ESCUTA

Ao utilizar o conceito de discurso (Foucault, 1989), Michael White apresentou a aplicação terapêutica da *dupla escuta* (White, 2000) que se baseia no entendimento de que uma história pressupõe seu oposto: “quente” só pode ser entendido e definido em relação a “frio”, e “escuro” em relação à “luz” (Derrida, 1976). Em terapia, a dupla escuta significa que prestamos atenção à história que é contada e ao que falta nela — a história do problema e sua contrapartida. Na terapia do luto isso pode significar que ouvimos tanto a dor da perda quanto a história da conexão, já que onde há desespero também há o testemunho de amor. A dupla escuta permite que ambas as histórias existam em uma tensão dinâmica, ao invés de privilegiar uma história sobre a outra. Podemos ver isso na forma como a mãe a seguir fala de sua filha que faleceu com 42 semanas de gestação: “quando estou no cemitério, penso como Rose deve estar com frio. Sei que isso é bobo, mas não quero que ela esteja sozinha ou com frio”.

O desejo de cuidar e confortar sua filha está em conflito direto com a ‘realidade’ defendida pela psicologia do luto convencional, relacionada a uma realidade biológica sobre a vida e a morte. Em 1917, por exemplo, Freud escreveu sobre como era normal que a realidade “ganhasse o dia” (Freud 1971/1957, p. 244). Ao invés de condenar seu pensamento “bobo” como irreal, a dupla escuta captura o que parece contraditório, permitindo que o terapeuta escute “isso e aquilo”, a fim de investigar o significado da sua declaração: ser uma mãe compassiva que continua a amar e proteger a sua filha das dificuldades da vida. Mesmo que a própria mãe seja influenciada pelos discursos da psicologia do luto convencional, um terapeuta pode gentilmente analisar também o outro lado da história. As conversas de *re-member* integram a dupla escuta para que seja possível dar atenção às histórias não dominantes que confirmam o amor e garantem à criança que faleceu um papel continuado na família. Se a tarefa de cuidador parental continua, surgem novas formas de falar sobre o relacionamento com a criança que faleceu, como sugerido por essa mãe cuja filha morreu quando ela estava com 38 semanas de gestação: “é como se, ao conversar sobre a Molly dessa forma, fosse possível não falar somente sobre tudo o que perdemos e que nos entristece, mas como se a gente pudesse conectá-la com algo positivo”.

APRESENTANDO OUTRAS PESSOAS PARA A CRIANÇA QUE FALECEU

Houve uma grande mudança em alguns círculos médicos que permitiu tirar fotos de uma criança falecida no hospital (Blood & Cacciatore, 2014), o que ofereceu aos pais um ponto de entrada tangível para uma história que pode ser compartilhada com outras pessoas. Embora nem todos tirem fotos *post-mortem*, por vários motivos, há muitas maneiras de os pais apresentarem seus filhos que faleceram, porém essa apresentação de continuidade pode ser limitada e até esmagada pelas formas como a informação é recebida e, também, pelos efeitos poderosos dos discursos dominantes.

Não é incomum que os pais sejam instruídos, direta e indiretamente, a não falar sobre a perda de um filho. Os pais enlutados e as pessoas ao redor deles são recrutados para o silêncio, na crença de que falar sobre o filho morto os lembrará de sua dor e de sua tristeza e de sugerir que emoção ou lágrimas deixarão os outros desconfortáveis. Um pai, cujo filho de sete anos morreu, descreveu desta forma: “quando as pessoas não falam sobre meu filho, é como se ele morresse uma segunda vez”. Mesmo os comentários bem-intencionados e ocasionais podem tornar a criança morta invisível, como Jill, cuja filha morreu com 22 semanas de gestação, comentou: “minha sogra me disse que é como um tumor, é melhor você esquecer e superar isso”.

Esses discursos de silêncio sugerem enfaticamente que é melhor não falar sobre a criança que faleceu, o que resulta no sentimento expresso por essa mãe, e por vários pais como ela, de estar sozinha no ato de lembrar da filha. Apesar de os comentários terem a boa intenção de dar apoio, eles isolaram a Jill e limitaram as formas de sua filha ter um futuro, já que a impediram de ser conhecida por outras pessoas e anularam as oportunidades para a Jill permitir que a vida de sua filha influenciasse outros.

Em nossas conversas terapêuticas, nos empenhamos em descobrir que tipo de vida, propósito ou significado os pais criaram no relacionamento com a criança falecida. À medida em que esse significado vai sendo moldado ao longo do tempo, também muda a forma pela qual se fala sobre quem faleceu, podendo, inclusive, vir a influenciar de forma relevante outras pessoas que passam a conhecê-la. Por exemplo, uma mãe, cuja filha faleceu com 40 semanas de gestação, falou:

depois que passamos a falar sobre a Sophia e como a gente ainda se relaciona com ela, meus sogros começaram a falar sobre a menininha que eles perderam há 30 anos, e meu sogro falou pela primeira vez sobre os sentimentos que ele ainda tem por sua pequenina.

Quando essa mãe conversou sobre sua menininha, as histórias tiveram a força de influenciar os avós de forma muito significativa, tornando possível uma conexão renovada entre seu avô e sua falecida tia.

Se os pais não conseguem falar sobre os filhos que faleceram, eles sentem como se estivessem abandonando seus filhos. Mas os pais podem ser o canal para manter vivas a história e a presença dos filhos, quase como se eles virassem biógrafos que compreendem a importância de seus filhos não serem esquecidos. Eles sabem, intimamente, que a conexão entre eles e o filho que faleceu continua, mesmo sem saber muito bem como colocar isso em palavras. Os pais podem informar e ensinar os outros sobre seu conhecimento a partir de dentro da experiência de ter esse relacionamento continuado com a criança, e sobre como a identidade dela importa.

Também podemos especular com os pais sobre o que as outras pessoas podem aprender quando eles compartilham seu relacionamento e suas experiências continuadas com o filho que faleceu: como essas conversas podem transformar o entendimento tradicional sobre luto, como o fim da relação com o filho que morre, em algo novo relacionado a seguir em frente na vida com um relacionamento vivo e contínuo com o filho que faleceu. As experiências compartilhadas pelos pais podem modificar a linguagem das testemunhas externas, que passam a vê-los não somente demonstrando sintomas de dor e luto, mas também dando continuação à sua parentalidade. O trecho a seguir ilustra como a sabedoria dos pais pode ser cultivada e ter significado em torno de temas mais amplos da vida da criança que faleceu. Este casal veio se consultar com a autora (HGK) depois da morte da filha, quando a mãe estava grávida de 24 semanas. Eles falavam sobre os efeitos do silêncio das pessoas sobre a vida e morte de sua filha.

Helene: Não sei se as pessoas sabem do relacionamento de vocês com a Mary. Penso que as pessoas não sabem o que perguntar sobre ela. Vocês sabiam isso antes de vivenciarem essas coisas com Mary?

Stefan: Não. De forma nenhuma.

Else: Não. Eu não sabia. Eu nunca pensei sobre como é ter um filho anjo.

Helene: Então, de alguma forma, Mary trouxe isso para vocês? Ela mudou o que vocês sabem sobre isso?

Stefan: Sim, ela fez isso.

Helene: Vocês falaram que a reação dos seus pais quando vocês falam sobre a Mary e começam a chorar é mudar de assunto. O que eles precisam saber sobre as lágrimas para reagirem de forma diferente?

Stefan: Acho que eles precisam saber que não precisam consertar as lágrimas. Eu quero que as lágrimas aconteçam porque estão ligadas aos sentimentos que tenho por Mary.

Helene: E como eles podem saber disso, para que não fiquem preocupados?

Else: Acho que precisamos dizer para eles que Mary é nossa filha anjo. Sempre vamos estar ligados a ela e não queremos mudar isso.

Os pais se posicionam de forma a ensinar para os outros sobre a conexão contínua entre eles e sua filha, saindo do papel de pessoas sofredoras, vítimas das dores do luto ou que não seguem de forma correta as regras do luto de deixar ir. Eles passam a agir e falar com a sabedoria de quem mantém um relacionamento continuado com uma criança que não mais respira. Essa conversa em específico foi além das esperanças dos pais de que seus pais reagissem de forma diferente:

Else: Meu sogro sugeriu que eu fale sobre a Mary no meu trabalho, para ensinar o que fazer quando alguém vive o luto, porque não temos uma diretriz sobre isso. O meu chefe não entrou em contato comigo quando Mary morreu. Ele ficou em silêncio. Eu pensei sobre isso: a importância de falar sobre a criança que faleceu. Quero desenvolver uma diretriz sobre como agir.

Helene: Se Mary soubesse que está ajudando a sua mãe a se posicionar dessa forma e dar visibilidade a esse conhecimento, qual o efeito disso nela? Qual efeito sobre a noção dela mesma, ao saber que está envolvida nesse trabalho de mudar as coisas para as futuras pessoas enlutadas?

Else: [Risos]. Ela ficaria orgulhosa. Acho que ela gostaria de melhorar as coisas.

CONCLUSÃO

Neste artigo, queremos lançar luz sobre o relacionamento significativo que pode ser desenvolvido entre os pais enlutados e as crianças que morrem durante a gravidez ou logo após o parto. É possível identificar espaços onde essas crianças contribuem de forma relevante para a vida de seus pais, por exemplo, destacando a força da família de se manter unida. Desejamos que você, leitor/a, fique animado/a com essas ideias que podem ajudar e ampliar as respostas dos pais que vivem a dor da morte de um filho. Esperamos que esse texto lance as bases para um novo estilo de conversa, na qual a identidade da criança que faleceu e o relacionamento dela com seus pais sejam generosamente narrados, buscando investigar e apoiar, de forma cuidadosa, as preferências dos pais sobre como a relação deles com a criança falecida pode continuar para além da morte, com base na crença de que o relacionamento com a criança se desenvolve bem antes de ela nascer e que, para muitos, esse vínculo com o bebê que ainda não nasceu começa antes ainda de ele ser concebido.

A dupla escuta nos permite analisar momentos não contados ou que passaram despercebidos e que, sem que se soubesse, construíram esse relacionamento durante a gravidez e após a morte da criança. Capturar essas histórias pode contribuir com a identidade dos pais enlutados, destacando o que eles valorizam na vida e, dessa forma, gerando significados. Essas histórias podem se opor às versões dominantes da perda e também contribuir para diminuir a dor do luto e da saudade. Quando a conversa dos pais não se restringe somente à morte do filho, eles podem falar sobre os constantes presentes que recebem dele:

depois da nossa última conversa, passei a pensar como a minha menininha contribui com a minha vida. Eu só me preocupava com como eu tinha contribuído com a experiência dela. Quando penso nas contribuições dela para “como eu vivo de forma diferente”, me sinto orgulhosa. Sinto que ela é uma parte de mim que levo comigo em minhas ações.

A morte não retira o lugar de uma criança que faleceu da vida de seus pais. As práticas narrativas confirmam esse relacionamento tão importante e consideram que as histórias dessa criança continuam a ter efeito na vida deles. Com apenas um pequeno ajuste, os pais podem não apenas honrar a memória do filho que faleceu, mas podem construir um relacionamento contínuo ao identificarem espaços nos quais as esperanças, os valores e a influência da criança continuem vivos:

desde nossa última conversa sobre o Roy, abri muito mais espaço em meu coração para me conectar com a voz dele. Por exemplo, tenho pensamentos sobre o que a voz do Roy diria sobre o relacionamento que eu e seu pai temos ou o que eu posso fazer quando sinto saudade e que iria aquecer o coração dele. Quando eu penso e imagino a voz do Roy e ajo de acordo, sinto uma conexão especial com ele.

Como terapeutas, trilhamos um longo caminho desde que Freud (1917/1957) declarou que os sintomas do luto deveriam ser tratados deixando de lado quem faleceu. Fomos mudando gradualmente para entender o valor de manter as memórias vivas e reconhecendo a continuidade dos vínculos (Klass & Steffen, 2017) — o que é uma mudança importante na prática terapêutica. Por muito tempo, o luto foi amplamente considerado um problema individual que deveria ser tratado de uma forma preestabelecida. Esperamos poder ampliar essa perspectiva sobre o luto ao olhar para como nós, como sociedade, isolamos ou patologizamos os pais enlutados que se esforçam por manter viva a lembrança dos filhos que faleceram. Esse é um convite para pensar não apenas nas implicações éticas de os pais honrarem e incorporarem as lembranças e as vozes de suas crianças falecidas, mas talvez, até mais importante, se considerar a potencial devastação causada quando isso não acontece.

REFERÊNCIAS

- Bergson, H.** (1911). *Creative evolution* (A. Mitchell trans.). New York, NY: Henry Holt.
- Blood, C., & Cacciatore, J.** (2014). Parental grief and memento mori photography: Narrative, meaning, culture, and context. *Death Studies*, 38(4), 224–233.
- Butler, J.** (2004). *Precarious life: The powers of mourning and violence*. London, England: Verso.
- Deleuze, G., & Guattari, F.** (1994). *What is philosophy?* (H. Tomlinson & G. Burchell trans.). New York, NY: Columbia University Press.
- Derrida, J.** (1976). *Of grammatology* (G. Spivak trans.). Baltimore, MD: John Hopkins Press
- Foucault, M.** (1989). *Foucault live: Collected interviews, 1966– 1984* (S. Lotringer, Ed., J. Johnston, Trans.). New York, NY: Semiotext.
- Freud, S.** (1957). Mourning and melancholia. In J. Strachey (Ed. & Trans.), *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud* (Vol. 14). London, England: Hogarth. (trabalho original publicado em 1917).
- Hedtke, L., & Winslade, J.** (2004). *Re-membering lives: Conversations with the dying and the bereaved*. Amityville, NY: Baywood.
- Hedtke, L., & Winslade, J.** (2017). *The crafting of grief: Constructing aesthetic responses to loss*. New York, NY: Routledge.
- Klass, D. & Steffen, E.** (2017). *Continuing bonds in bereavement: New directions for research and practice*. New York, NY: Routledge.
- Myerhoff, B.** (1978). *Number our days*. New York, NY: Simon and Schuster.
- Myerhoff, B.** (1982). Life history among the elderly: Performance, visibility and remembering. In J. Ruby (Ed.), *A crack in the mirror: Reflexive perspectives in anthropology* (pp. 99–117). Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- White, M.** (1989). Saying hullo again. In M. White (Ed.), *Selected papers* (pp. 29–36). Adelaide, Australia: Dulwich Centre Publications.
- White, M.** (1997). *Narratives of therapists' lives*. Adelaide, Australia: Dulwich Centre Publications.
- White, M.** (2000). Re-engagement with history: The absent but implicit. In M. White, *Reflections on narrative practices: Interviews and essays* (pp. 35–58). Adelaide, Australia: Dulwich Centre Publications.
- White, M.** (2006). Working with people who are suffering the consequences of multiple trauma: A narrative perspective. In D. Denborough (Ed.), *Trauma: Narrative responses to traumatic experience* (pp. 25–86). Adelaide, Australia: Dulwich Centre Publications.
- White, M.** (2007). *Maps of narrative practice*. New York, NY: Norton.
- Worden, J. W.** (2009). *Grief counseling and grief therapy: A handbook for the mental health practitioner* (4th Ed.). New York, NY: Springer

LORRAINE HEDTKE

MSW, ACSW, LCSW, PhD é coordenadora e professora do programa de mestrado em aconselhamento e orientação na California State University, em San Bernardino. Ela leciona nos Estados Unidos e internacionalmente sobre a morte, o morrer e o luto. Nos livros ela apresenta suas ideias e práticas diferenciadas, que representam um afastamento dos modelos convencionais do luto em psicologia. Escreveu seu último livro, *The crafting of grief: Aesthetic responses to loss* (Routledge, 2016) junto com John Winslade.

<https://orcid.org/0000-0001-8240-8162>

<https://rememberingpractices.com>

E-mail: lorrainehedtke@gmail.com

HELENE GRAU KRISTENSEN

Cand.Psych (Diploma de nível superior na Dinamarca, correspondente a um mestrado em Psicologia Clínica), especialista em terapia e luto. Trabalha em consultório particular com o maior foco em luto. Leciona Terapia Narrativa na Universidade de Copenhague e é membro de um Comitê Dinamarquês que desenvolve orientações para os profissionais trabalharem com o luto.

<https://orcid.org/0000-0001-8732-0709>

<http://helenegrau.dk>

E-mail: info@helenegrau.dk

ADRIANA MULLER

Psicóloga, mestre em Psicologia do Desenvolvimento. Trabalha em consultório particular e leciona Terapia Narrativa e Práticas Narrativas Coletivas na Crescent/FDV.

E-mail: am@adriana.net.br